

AVANÇOS NA PROFILAXIA DO HIV/AIDS E AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Lucas Rafael dos Santos 

Graduando em Enfermagem do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: lucas.rafael@unifaema.edu.br

Thaislaine Marques da Silva 

Graduanda em Enfermagem do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: thaislaine.27335@unifaema.edu.br

Katiuscia Carvalho Santana 

Especialista em Psicologia, docente do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: katiuscia.carvalho@unifaema.edu.br

Sonia Carvalho Santana 

Mestra em Enfermagem, docente do Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: sonia.carvalho@unifaema.edu.br

Submetido: 11 fev. 2022.

Aprovado: 16 fev. 2022.

Publicado: 24 fev. 2022.

E-mail para correspondência:

lucas.rafael@unifaema.edu.br

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.
Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

O HIV é o Vírus da Imunodeficiência Humana, que incide, principalmente, sobre o sistema imunológico de maneira crônica. O HIV atua diminuindo os níveis de linfócitos T CD4+ que, quando atenuado de maneira pontual, possibilita com que o indivíduo infectado desenvolva a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O vírus surgiu na década de 80, sendo que até o ano de 2019 já haviam sido notificados mais de 900 mil casos da infecção no Brasil, o que representa um grande problema de saúde pública do país ⁽¹⁾.

São notáveis as divergências existentes no espectro saúde pública-popular. Os dogmas impostos pela sociedade estratificaram o alcance do avanço científico para o grupo de maior vulnerabilidade, que é composto por homens que fazem sexo com outros homens (HSH). Isso resulta na indagação da probabilidade de um tratamento de acessibilidade expandida para tal público, que foi estigmatizado pela própria sociedade e seus ideais fundamentados no conservadorismo ^(2,3).

Nesse sentido, muitos avanços surgiram ao longo dos anos a fim de conter a disseminação da infecção, preveni-la e tratá-la. No Brasil, uma grande ênfase deve ser dada ao Sistema Único de Saúde (SUS), que se preocupou em desenvolver programas e campanhas voltados ao assunto. Ao Brasil, também deve ser atribuído destaque às pesquisas promissoras de uma vacina capaz de proteger contra o vírus, em desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ⁽⁴⁾.

Sendo assim, essa pesquisa traz como problema a questão: quais os avanços na profilaxia do HIV/AIDS?

Esse estudo se justifica na contribuição científica para o realce de um futuro não tão longínquo da realidade presente, acarretando probabilidades fundamentadas em engajar a visibilidade e a efetivação das vantagens da profilaxia para população assistida, discorrendo que a necessidade da relevância de tais avanços é gritante, tanto para a comunidade científica e academias como para a sociedade em si que padece de diligência no próprio autocuidado de uma vida sexual saudável e segura.

Objetivos

Destacar os avanços na profilaxia do HIV e da AIDS ao longo dos anos e as novas perspectivas para o futuro.

Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa que buscou por informações amplas, descritivas e qualitativas a fim de compreender os avanços na profilaxia do HIV e da AIDS e as novas perspectivas para o futuro, avaliando outras literaturas que abordam a temática e que estejam inclusas na pesquisa de acordo com os critérios determinados.

Para isso, foram utilizadas as seguintes bases de dados para obtenção do material bibliográfico: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e LILACS, onde foram investigados relatos de caso, artigos científicos, resumos e demais documentos que abarcassem a temática do estudo. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: bibliografias brasileiras, disponíveis nas bases de dados determinadas e que abordassem a profilaxia do HIV/AIDS. Além disso, foi selecionado um período de tempo entre janeiro de 2011 e janeiro de 2022, a fim de levantar as literaturas mais recentes sobre o assunto. As obras que não atenderam aos critérios foram excluídas.

Para a seleção das obras, foram utilizados os seguintes Descritores em Ciências da Saúde: Vírus da Imunodeficiência Humana, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e profilaxia. Os descritores foram associados de variadas formas nas duas bases de dados selecionadas, o que facilitou a associação das bibliográficas aos objetivos do estudo. O levantamento da problemática, a formulação dos objetivos, o levantamento de dados e a formulação do resumo expandido se deram no mês de fevereiro de 2022.

Resultados e Discussões

Inicialmente, os descritores foram utilizados a partir de diversas associações, para que os materiais bibliográficos que possuíssem enfoque na temática da pesquisa fossem filtrados. Na base de dados SciELO foram encontradas 589 obras e na base de dados LILACS 298. Seguindo os critérios de inclusão e exclusão foram selecionadas quatro literaturas na base SciELO e duas literaturas na base LILACS, iniciando assim as discussões.

A primeira epidemia de HIV/AIDS aconteceu no início dos anos 80. Vale citar que os primeiros diagnosticados com o novo vírus eram homossexuais, o que gerou um grande problema social em um sistema de preconceito. Cabe citar que uma grande preocupação foi instalada em decorrência da gravidade da doença. A partir de então o preservativo (que apesar de já existir a muito tempo) surge como grande aliado no controle da infecção, ganhando popularidade nesse sentido ^(5,6).

Posteriormente, surgiu a PEP (Profilaxia Pós-Exposição), que se trata de um antirretroviral capaz de inibir a replicação do vírus no organismo, e por assim evitar com que o indivíduo desenvolva a doença. A PEP começou a ser ofertada através do SUS a partir de 1999, em indivíduos vítimas de violência sexual ou de acidentes ocupacionais. Todavia, em 2010, houve um avanço na utilização da medicação, que também passou a ser utilizada por indivíduos em risco de contaminação no sexo consensual ⁽⁷⁾.

O TASP (Tratamento como prevenção) surgiu como uma estratégia elaborada no enfoque da conclusão de metas dos “90”, visando a probabilidade do declínio da cadeia de transmissão do vírus, fomentando a ampliação de fundamentos biotecnológicos de testagens acoplando-se em organizações sem fins lucrativos para o acolhimento humanizado do público. O TASP caracterizou-se em um estudo expansivo na identificação e mapeamento de sorologias, resultando em uma metodologia interventiva na redução da carga viral ⁽⁸⁾.

O surgimento da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) em 2017, foi voltado para o autocuidado do indivíduo prematuramente suscetível ao HIV/AIDS. A PrEP trabalha impedindo com que o vírus infecte o organismo antes do indivíduo entrar em contato com o mesmo. Essa profilaxia está objetivada em um arcabouço estendido e introduzido acima do esperado de campanhas orientadoras à priorização de grupos estratificados como casais homossexuais. Nos últimos anos, houve uma potencialização da implementação da PrEP dentro do SUS, que vem desmistificando a acessibilidade social do público com a ciência ⁽⁹⁾.

No que tange às perspectivas para o futuro, cabe expressar que constantemente novas tecnologias são desenvolvidas pela ciência voltadas para prevenção e tratamento da infecção. Não obstante, é importante apontar a situação política atual do Brasil como um obstáculo na evolução da profilaxia do HIV/AIDS. Isso porque a crise política dos últimos anos levou a cortes no orçamento de políticas públicas de saúde, o que enfraquece o enfrentamento à doença. Além disso, o Executivo atual não busca trabalhar agendas voltadas à saúde sexual, o que é retrógrado ⁽¹⁰⁾.

No entanto, uma das grandes promessas para o futuro da profilaxia do HIV/AIDS é o desenvolvimento de uma vacina capaz de proteger o organismo da infecção. Ao longo dos anos, muitos estudos surgiram nesse sentido, porém sem êxito. Contudo, recentemente, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, juntamente com instituições de outros oito países, iniciaram a fase 3 de testes de uma vacina que utiliza a proteína gp140 do HIV e o adenovírus 26. Tal feito representa o caminho mais avançado de desenvolvimento de uma vacina contra o HIV ⁽¹¹⁾.

Conclusão

Essa pesquisa buscou apresentar os avanços na profilaxia do HIV/AIDS e as perspectivas para o futuro. Observou-se que ao longo dos anos muitos métodos e tecnologias surgiram nessa premissa, tais como o uso do preservativo, a PEP, o TASP e a PrEP. Além disso, como perspectiva para o futuro, destacam-se os novos testes em fase 3 de um imunizante contra a infecção em desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais, juntamente com outras instituições do mundo.

Não exige de citar que a profilaxia do HIV/AIDS foi contextualizada em um âmbito capitalista e cultural que angaria recursos financeiros para futuros avanços em conhecimentos fundamentados do processo de saúde e doença. Sendo assim, salienta-se que é fundamental a compactação do reforço da implementação de políticas voltadas para a prevenção resolutiva e universal de uma problematização em saúde pública e que reforcem a responsabilidade do Estado nesse enfrentamento.

Palavras-chave: Vírus da Imunodeficiência Humana. Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Profilaxia.

Referências

- 1 Carvalho SM, Paes GO. A influência da estigmatização social em pessoas vivendo com HIV/AIDS. *Ciênc Saúde Colet*. 2011;19(2):157-163, 2011.
- 2 Guimarães MDC, Carneiro M, Abreu DMX, França EB. Mortalidade por HIV/Aids no Brasil, 2000-2015: motivos para preocupação?. *Rev Brasileira de Epidemiologia*. 2017;20(1):182-190. <https://doi.org/10.1590/1980-5497201700050015>
- 3 Damante CA, Ferreira R, Maito S. Políticas públicas referentes ao HIV e Aids: onde estamos e para onde iremos?. *Jornal da USP*. 2019 [cited 2022 fev 13]. Available from: <https://jornal.usp.br/artigos/politicas-publicas-referentes-ao-hiv-e-aids-onde-estamos-e-para-onde-iremos/>
- 4 Barbosa TLA, Gomes LMX, Holzmann APS, Cardoso L, Paula AMB, Haikal DS. Prática de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis, HIV e aids, realizada por profissionais da atenção primária à saúde de Montes Claros, Minas Gerais, 2015-2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2020;29(1):1-14. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100015>
- 5 Guimarães DA, Oliveira VCP, Silva LC, Oliveira CAM, Lima RA, Gama CAP. Dificuldades de utilização do preservativo masculino entre homens e mulheres: uma experiência de rodas de conversa. *Estudos de Psicologia*. 2019;24(1):21-31.
- 6 Junior JSM, Gomes R, Nascimento EF. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. *Ciênc Saúde Colet*. 2012;17(1):511-520 2012.
- 7 Filgueiras SL, Maksud I. Da política à prática da profilaxia pós-exposição sexual ao HIV no SUS: sobre risco, comportamentos e vulnerabilidades. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. 2018;1(30):282-304 2018.
- 8 Monteiro SS, Brigueiro M, Vilella WV, Mora C, Parker R. Desafios do tratamento como prevenção do HIV no Brasil: uma análise a partir da literatura sobre testagem. *Ciênc Saúde Colet*. 2019;24(1):1793-1807. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.16512017>



9 Costa AHC, Gonçalves TR. Globalização farmacêutica e cidadania biológica: notas sobre a implementação da profilaxia pós-exposição no Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2021;37(1):1793-1807 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.16512017>

10 Agostini R, Rocha F, Melo E, Maksud I. A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. *Ciênc Saúde Colet*. 2019;24(12):4699-4604, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.25542019>

11 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Medicina da UFMG participa de testes de vacina contra HIV. Belo Horizonte, 2021. [cited 2022 fev 13]. Available from: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-integra-ensaio-clinico-que-avalia-eficacia-de-vacina-contra-hiv>.